

# Testemunhos da ancestral relação entre o lobo e as comunidades rurais na Serra de Arga

AUTORES

Pedro Primavera <sup>1</sup> & Francisco Álvares <sup>2</sup>

© 2006

<sup>1</sup> Associação Fogium Lupale  
email: [pedroprimavera@hotmail.com](mailto:pedroprimavera@hotmail.com)

<sup>2</sup> CIBIO-UP, Centro de Investigação em Biodiversidade  
e Recursos Genéticos da Universidade do Porto  
email: [falvares@mail.icav.up.pt](mailto:falvares@mail.icav.up.pt)

## INTRODUÇÃO

A relação das comunidades rurais da Serra de Arga com o lobo (*Canis lupus*), caracterizada pela animosidade resultante da predação de gado doméstico pelas alcateias, está na origem da utilização de diversas estratégias de controlo e de tecnologias defensivas, desenvolvidas pelas populações locais ao longo de séculos. Esta região do Minho possui igualmente um rico acervo de crenças e mitos relacionados com o lobo, seja através de vestígios arqueológicos ou de memórias e tradições orais conservadas pelos seus habitantes mais idosos, que se inscrevem no universo da relação antropológica com o lobo comum às áreas montanhosas do noroeste ibérico. O seu estudo e consequente valorização e aproveitamento turístico pode constituir um importante instrumento para o desenvolvimento rural e para a preservação da identidade cultural da região, criando-se ainda condições favoráveis para uma maior tolerância das populações locais face ao lobo, o que beneficiará a conservação deste ameaçado carnívoro.

## O LOBO NA SERRA DE ARGAS

Datam da fundação da nacionalidade as primeiras referências documentais à grande abundância de lobos nas regiões montanhosas do Alto Minho, e era ainda frequente nestas serras, no início do século XX, a observação de alcateias numerosas que causavam avultados prejuízos no efectivo pecuário. Sendo actualmente uma das zonas mais humanizadas do país, esta região possui ainda algumas áreas montanhosas escassamente habitadas, como é o caso da Serra de Arga, cujas condições socioeconómicas e ecológicas permitem a sobrevivência de um pequeno núcleo populacional de Lobo-ibérico (*Canis lupus signatus*), espécie protegida por lei e considerada em Perigo de Extinção no nosso país. Os trabalhos de investigação que têm, desde 1996, vindo a ser efectuados nesta região pelo Grupo Lobo - associação que há mais de uma década desenvolve estudos de investigação em ecologia e antropologia relacionados com esta espécie -, permitiram confirmar a existência de uma alcateia na Serra de Arga, notável por se tratar de uma das raras áreas de ocorrência de lobos no litoral, em toda a Europa. Nas últimas décadas, esta alcateia tem demonstrado uma certa instabilidade, já que é constituída por um número restrito de lobos adultos e a ocorrência de reprodução é bastante irregular, o que evidencia a elevada mortalidade a que está sujeita. Além disso, a situação precária dos lobos que sobrevivem na Serra de Arga tende a agravar-se com a crescente fragmentação e perturbação do habitat favorável, principalmente devido aos incêndios florestais e às redes viárias de grande fluxo de tráfego, como a A3, a recém construída A27 que liga Viana do Castelo a Ponte de Lima, e o alargamento do IC1 até Caminha.



FIGURA 1: Lobo-ibérico (*Canis lupus signatus*)  
(Foto: Francisco Álvares)

A presença do lobo na Serra de Arga tem vindo a sofrer uma evidente e progressiva redução desde 2001, ano em que foram detectadas as últimas evidências de reprodução nesta alcateia. Actualmente, o lobo na

Serra de Arga, assim como em toda a região Ocidental do Alto Minho (zona de Paredes de Coura), encontra-se numa situação crítica, constituindo, provavelmente, o núcleo populacional de lobos que corre maior risco de extinção em Portugal.



FIGURA 2: Habitat de Lobo na Serra de Arga  
(Foto: António Viana da Cunha)

## PATRIMÓNIO CULTURAL ASSOCIADO AO LOBO NA SERRA DE ARGA

Além de estudos ecológicos e integrados no Grupo Lobo, os autores do presente artigo tem vindo a realizar pesquisas documentais e de

campo que evidenciam as manifestações culturais da relação das populações locais com aquele que é hoje o principal predador da região. A Serra de Arga possui, com efeito, uma comunidade agropastoril de características culturais relativamente bem preservadas, que tradicionalmente baseia o seu modo de vida na pecuária e na agricultura; este facto tem permitido que se mantenha a par da ameaçada alcateia, um rico património cultural e etnográfico associado à figura do lobo. Descrevem-se em seguida as principais manifestações resultantes dessa ancestral relação.

### FOJOS DO LOBO

Na Península Ibérica, e em concreto no seu terço noroeste, o combate aos lobos ficou caracterizado pelo emprego de armadilhas permanentes construídas em pedra; são fojos do lobo, que constituem um caso singular de especialização técnica. Trata-se muitas vezes de construções monumentais que marcam de forma indelével o terreno e, embora se achem armadilhas destinadas à captura de lobos em vários locais da Europa e Ásia, é nas terras altas do noroeste de Portugal, da Galiza e da cordilheira cantábrica que encontramos os exemplares tecnicamente mais elaborados, sendo a Península Ibérica um dos locais que até mais tarde assistiu à sua utilização regular por parte das populações serranas.



FIGURA 3: "Fousse a Loupe"  
(Gravura Archives Gallimard)

As comunidades rurais do nosso país desenvolveram diversas variantes técnicas destas armadilhas; na sua forma mais simples, o fojo do lobo era uma funda cova aberta no chão, geralmente de planta circular, que poderia beneficiar de um aparelho em pedra, assemelhando-se a um largo poço. A cova era disfarçada com vegetação ou provida de um mecanismo de queda despoletado pelo peso do lobo, sendo deixado no seu interior um isco vivo ou morto destinado a atrair o predador. Estes fojos podiam também ser utilizados como

complemento de batidas populares, sendo nesse caso preparados numa zona pela qual se esperava que os lobos passassem ao fugir de uma linha de batedores, que os apossava desde os vários locais que se supunha frequentarem.



Figura 4: Fojo de cabrita em Samardã, concelho de Vila Real  
(Foto: Pedro Primavera)

O fojo de cabrita consistia num largo recinto fechado por meio de um muro de pedra solta, com cerca de 2 metros de altura e provido de cápeas – lajes longas e achatadas dispostas no topo e em toda a extensão do muro, que formavam um rebordo para o lado interior, impedindo o lobo de, uma vez no interior do recinto, conseguir escapar. A designação popular da armadilha refere-se ao isco vivo destinado a servir de chamariz ao lobo, que era largado no interior do recinto.

Por fim, temos os fojos de paredes convergentes. Foram regularmente utilizados até à segunda metade do século XX, e caracterizavam-se por estarem relacionados com as montarias ao lobo, na qual poderiam participar centenas de populares, provenientes de diversas

freguesias. O ardil consistia em duas paredes altas e capeadas, cada uma podendo atingir até 1 quilómetro de extensão, que convergiam para o ponto onde se edificara uma espécie de poço, também realizado com pedra solta. Este era dissimulado com vegetação, de modo que o lobo, orientado pelos muros e perseguido pela vozeria e descargas dos batedores, tombava no seu interior, podendo então ser morto ou capturado vivo, e depois exibido nas aldeias. Uma variante desta tipologia, menos utilizada, é o fojo duplo, constituído por duas covas e quatro paredes capeadas, que funcionava de modo idêntico e permitia aos populares bater uma área mais extensa.

Figura 5: Fojo de paredes convergentes, em Soajo, concelho dos Arcos de Valdevez  
(Foto: Pedro Primavera)



Apesar de pouco conhecidos pelos mais jovens habitantes locais, os fojos do lobo são a mais impressionante manifestação cultural associada ao lobo que encontramos na Serra de Arga. Embora os numerosos topónimos «fojo» existentes na região possam indiciar a existência de várias covas destinadas à captura de lobos - como poderá suceder na Freguesia de Dém,

provavelmente em tempos servida por um fojo simples ou por um fojo de paredes convergentes cujos vestígios arqueológicos serão hoje quase inexistentes -, foi possível localizar até à data três destas estruturas. Todas são enquadráveis na tipologia das armadilhas de paredes convergentes, sendo um deles um fojo duplo, e podem comparar-se com as estruturas edificadas nas vizinhas serras do Soajo, Peneda, Amarela, Gerês e Cabreira, assim como nas terras altas da Galiza e, mais a sueste, nos montes de Fafe e de Cabeceiras de Basto. Caracterizam-se pelas extensas paredes de granito, com probabilidade rematadas originalmente com cápeas, que convergem e quase se tocam numa espécie de poço de planta circular onde os lobos caíam. São estas as denominações pelas quais se conhecem as armadilhas identificadas na Serra de Arga:

- fojo de paredes convergentes do Cavalinho;
- fojo de paredes convergentes de Cerquido;
- fojo duplo de paredes convergentes de Montaria.

## FOJO DO CAVALINHO

O fojo do Cavalinho foi erguido a escassa distância da actual estrada asfaltada que liga Cabração (concelho de Ponte de Lima) a Arga de Cima (concelho de Caminha) junto à Portela do Cavalinho, uma das passagens predilectas dos pastores para levarem o gado até às alturas da serra e, provavelmente, também dos lobos aquando das suas deambulações predatórias. Junto do sítio arqueológico observam-se as ruínas de uma Casa Florestal, inaugurada em 1942.

O fojo é notável pela configuração da estrutura circular onde os lobos eram capturados, que parece ter sido provida de uma espécie de aqueduto para escoamento da linha de escorrências pluviais que atravessa o interior da área compreendida entre os dois muros. Estes, tal como o poço, encontram-se muito destruídos, registando-se o aproveitamento de pedras para a construção de uma tapada com a qual se delimitou, na segunda metade do século XIX, um terreno arável conhecido por Bouça do Cavalinho. Tal demonstra que, já então, há muito a armadilha deixara de ser utilizada, o que pode justificar a carência de informações documentais a seu respeito, bem como o quase completo esquecimento em que caiu junto da população local.



Figura 6: Fotografia aérea do Fojo do Cavalinho, de 1938  
(Arquivo: Pedro Primavera/Grupo Lobo)

diâmetro médio da primitiva cova, hoje muito assoreada, é de 3,50 m; a parede do lado direito (em relação à boca da cova) estende-se por cerca de 160 m, em encosta, enquanto a do lado esquerdo possui uma extensão de quase 200 m, parte dos quais utilizados na delimitação do terreno atrás referido. O desnível

entre o término dos muros e a cova é de cerca de 45 m.



Figura 7: Vestígios da cova do Fojo do Cavalinho  
(Arquivo: Pedro Primavera/Grupo Lobo)

Figura 8: Aspecto Geral do Fojo do Cavalinho  
(Arquivo: Pedro Primavera/Grupo Lobo)



### FOJO DE CERQUIDO

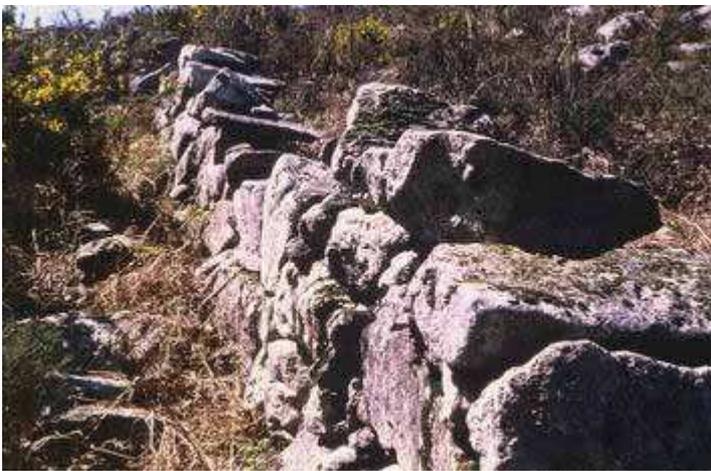
Este fojo encontra-se localizado a 1,5 km a SSO da aldeia homónima do concelho de Ponte de Lima, numa área de baldio actualmente coberta por pinheiro bravo, denotando o sítio arqueológico um estado de conservação pouco mais que vestigial. Com efeito, nada resta da estrutura de captura, cujos elementos serviram a construção dos muros de tapadas próximas, ao passo que das paredes apenas sobram algumas secções danificadas, especialmente daquela que do poço partia para a direita numa extensão de 210 m, lançada sobre a vertente do

maciço central de Arga. A parede esquerda, muito destruída, teria cerca de 150 m de comprimento. O desnível máximo da estrutura (registado do término da parede do lado direito até ao ponto onde se situaria a cova) ronda os 30 m.



FIGURA 9: Fotografia aérea do Fojo de Cerquido, de 1938  
(Arquivo: P. Primavera/Grupo Lobo)

FIGURA 10: Secção danificada da parede direita do Fojo de Cerquido  
(Arquivo: P. Primavera/Grupo Lobo)



### FOJO DE MONTARIA

O sítio arqueológico situa-se na Chã Comprida - uma espectacular varanda da encosta sul da serra situada 2 kms a NE do lugar de Montaria, no Concelho de Viana do Castelo. Pode considerar-se um exemplar atípico a nível ibérico, já que é constituído por dois fojos de paredes convergentes ligados por uma pedra angular de grandes dimensões, mas cujas estruturas de captura, ambas de planta circular, apontam para pontos cardeais distintos, ao invés do que acontece com outros exemplares conhecidos (com efeito, os fojos duplos de

Lindoso/concelho de Ponte da Barca, de Covide/concelho de Terras de Bouro, de Maroiço/concelho de Fafe e de Gondomar/concelho de Vila Verde, foram edificados em forma de «W», apontando os seus vértices para um mesmo ponto cardinal). É lamentável que este magnífico exemplo de arquitectura popular acuse um tão elevado grau de delapidação, já que dos muros e das duas covas de captura - primitivamente aparelhadas com pedra - apenas se observam os elementos estruturais colocados ao nível do solo, talvez por serem demasiado pesados para que os populares os pudessem remover e transportar nos carros.



FIGURA 11: Aspecto geral dos muros orientados a SE do Fojo de Montaria  
(Arquivo: P. Primavera/Grupo Lobo)

O caminho mais praticável desde a povoação conduz ao fojo cuja cova está orientada para SE. Esta apresenta-se completamente assoreada, sendo apenas visíveis alguns elementos estruturais implantados ao nível do solo, e possuía originalmente um diâmetro médio de 3,40 m. A parede que parte para o lado

esquerdo estende-se por cerca de 70 m e apresenta um grande grau de delapidação. A parede do lado direito é menos extensa (desenvolvendo-se ao longo de cerca de 40 m), mas o seu grau de conservação junto ao término é de cerca de 50%, existindo uma secção com uma altura máxima de 1,60 m. Este muro e a extensão equivalente do oposto formam uma área afunilada em pendente, pouco acentuada.



FIGURA 12: Vestígios da cova para captura de lobos orientada a SE do Fojo de Montaria  
(Arquivo: P. Primavera/Grupo Lobo)

A outra cova de captura desta armadilha, orientada para NO, apresenta-se coberta por depósitos sedimentares. Dela partem igualmente duas paredes; a que se desenvolve para o lado direito possui cerca de 120 m de extensão, apresentando-se destruída nas primeiras dezenas de

metros. O muro descreve uma curva até ao ponto médio, avançando em linha recta até a um bloco granítico de grandes dimensões, que constitui simultaneamente o término do muro esquerdo da estrutura orientada a SE. Este muro é notável pelo recurso a diversos elementos graníticos de grande dimensão, alguns implantados em posições que recordam a dos esteios de um dólmen, que não terão sido aproveitados pela população após o abandono da armadilha por serem demasiadamente pesados.

Quanto à parede do lado esquerdo, projectada sobre a encosta da serra, estende-se por cerca de 140 m, apresentando-se muitos dos elementos estruturais derrubados e dispersos.



FIGURA 13: Elementos estruturais da parede orientada a NO do Fojo de Montaria  
(Arquivo: P. Primavera/Grupo Lobo)

### **ANTIGUIDADE DOS FOJOS E BATIDAS AO LOBO**

Como demonstra o seu actual estado de degradação e o esquecimento em que caíram na memória popular, os fojos do lobo da Serra de Arga terão sido construídos e utilizados há vários séculos, embora a falta de provas documentais sobre batidas ou registos de datas de execução das obras realizadas não permita estabelecer uma cronologia segura. As referências bibliográficas a estes fojos são escassas; Eric Flower, autor de um trabalho sobre o lobo no nosso país no período de 1933 a 1957, refere-se ao citado fojo duplo, apontando a existência de vestígios de duas armadilhas situadas próximo de Montaria. Também Lourenço Alves, na sua monografia sobre o

concelho de Caminha editada em 1985, nos fala do emprego de uma destas armadilhas situada em Arga, descrevendo o desenrolar de uma batida mas omitindo a época e localização dos acontecimentos. Eis o relato que nos deixa:

«Interessante era a caça ao lobo, a princípio pelos naturais da serra, depois pelos caçadores que, ao pregão da Câmara Municipal [de Caminha], vinham de longe dar o gosto ao dedo, transformando a montaria numa festa inusitada.

Afixados avisos nas portas das igrejas, ou mesmo deitados do altar abaixo pelos párocos que não deixavam de, para estimular a população e justificar a caçada, demonstrar os malefícios da terrível fera (...), os caçadores, os batedores e demais povo que, com chocalhos, latas velhas, tambores, etc., se encarregavam de espantar das tocas e dos silvaredos toda a espécie de bicharada, lá seguiam monte acima, até ao fojo, onde os caçadores, perfilados e atentos, aguardavam a chegada do lobo, para terem a honra e o proveito de o abater. Depois, era a festa, com merendeiros bem regados pelo néctar da videira, transportado em cornos e borrachas. Se calhava cair alguma fera selvagem, logo os mais jovens pegavam nela, atavam-na a um pau e, transportada por dois possantes rapazes, percorriam as aldeias circunvizinhas, ufanos e alegres, pedindo aos lavradores algum chouriço ou naco de presunto, para realizar a grande ceia, como conclusão desta montaria.»

A armadilhagem de fojos em Arga poderá datar de tempos tão recuadas quanto meados do século XIII, pois já então a carta de foral da paróquia de S. Lourenço de Breteandelos (mais tarde S. Lourenço da Montaria) referia a região Sul e Sudoeste da Serra como «Montaria», em virtude de os moradores estarem obrigados a correr monte, assim o ordenasse o Rei. Ao contrário de outras regiões do Noroeste de Portugal, como as Serras do Soajo e do Gerês, onde estas estruturas foram utilizadas até à segunda metade do século XX, a captura de lobos com recurso aos fojos na Serra de Arga já não se verifica, pelo menos, desde meados do século XIX.

Com efeito, nas suas «Memórias da Serra d'Arga», Cerejeira descreve minuciosamente uma batida aos lobos realizada em Julho de 1931 na qual já não se recorreu a qualquer destas estruturas; segundo pudemos apurar, o lobo foi monteado com conhecimento oficial pela última vez nesta serra em 1956, numa ocasião em que várias individualidades foram convidadas a participar na linha de tiro, então organizada nas proximidades do mosteiro de São João de Arga.

## **CAÇADORES DE LOBOS**

A animosidade que tem pautado a relação entre as comunidades rurais e o lobo serviu igualmente o propósito de alguns homens, levando-os a dedicarem-se à profissão de lobeiro, os caçadores de lobos. As administrações concediam-lhes prémios monetários, aos quais havia a acrescentar as oferendas com que o povo dos lugares vizinhos os procuravam alentar. Embora o tiro fosse o meio mais frequentemente utilizado na guerra contra os lobos, recorria-se a vários outros métodos. A recolha de ninhadas de lobo era uma prática regular há algumas décadas atrás e a colocação de armadilhas (como os ferros e os laços), embora muitas vezes direccionados à captura de outros animais como a raposa ou o javali, ainda hoje constitui uma importante causa de morte ilegal de lobos. No entanto, é a utilização de iscos envenenados direccionados ao lobo, amplamente promovida pelas autoridades durante o século XIX e ainda frequentemente utilizada, que se torna um grave problema na conservação deste carnívoro, assim como de um grande número de espécies ameaçadas da nossa fauna selvagem.

A morte de um lobo sempre constituiu uma façanha muito valorizada, já que a nobreza do animal granjeava prestígio ao seu matador, que não se privava de exhibir publicamente a pele ou corpo do animal; na Serra de Arga pudemos

entrevistar vários indivíduos que afirmaram ter morto lobos, e de entre estas histórias de vida referimos dois episódios dignos de nota:

Um deles sucedeu em 1955, quando um habitante de São Lourenço da Montaria, na companhia da família e com evidente orgulho, exibiu nas festas da Sr.<sup>a</sup> da Agonia, em Viana do Castelo, a pele de um lobo por si caçado a tiro às portas da povoação. Na fotografia então tirada observa-se os trajés domingueiros do cortejo, não deixando de ser curiosa a manifestação de apego às indumentárias tradicionais revelada pelo caçador, que enverga uma croça de juncos habitualmente usada pelos vezeiros do rebanho. Na cesta transportada à cabeça da jovem vão-se guardando as oferendas dos passantes, constituídas maioritariamente por géneros alimentares. A pele deste lobo voltou a ser exibida nestas mesmas festas em anos seguintes, sendo a dada altura confiada à comissão responsável pela animação do evento. Hoje, desconhece-se o destino que lhe foi dada.



FIGURA 14: Pele de lobo exibida nas festas da Sr.<sup>a</sup> da Agonia (Viana do Castelo), em 1955 (Arquivo: P. Primavera/Grupo Lobo)

O outro acontecimento teve lugar no Verão de 1973, envolvendo um morador da aldeia de Arga de Baixo, no concelho de Caminha, que certa manhã saiu para tentar caçar um coelho. Não longe de casa foi alertado por um restolhar numa zona de mato denso, e foi

surpreendido pelo rosar de uma cria de lobo, que se pôs em fuga. O caçador perseguiu-a por vários metros, tropeçou e caiu sobre a espingarda, que se partiu em dois. Ainda assim, unindo o cano à coronha, conseguiu atingir a cria, que trouxe para a aldeia e junto da qual se fez fotografar.



FIGURAS 15 e 16: Cria de lobo abatida a tiro em Arga de Baixo, no Verão de 1973 (Arquivo: P. Primavera/Grupo Lobo)

## PONTES E ABRIGOS PASTORIS

Para além dos fojos, acha-se em Arga várias referências toponímicas ao seu predador mais destacado. Assim o atestam os topónimos publicados por Coutinho em 1997, como "Trás da Porta do Lobo" (Arga de Cima), "Monte Lobetes" (Arga de São João) e, entre outros, dois "Penedo do Lobo" (Arga de Cima e S. João de Arga). No entanto, o topónimo relacionado com o lobo porventura mais conhecido pela população serrana refere-se a uma ponte de excepcionais características arcaicas, situada próximo de Arga de Cima e conhecida localmente por "Pontão dos Lobos" ou "Ponte dos Lobos". A designação popular deriva do facto de o local há muito servir de passagem para as alcateias, da mesma forma que os pastores a utilizam para atravessar o regato quando levam ou trazem os rebanhos das alturas da serra. É composto por 15 elementos estruturais, na forma de blocos de granito pousados directamente sobre um afloramento rochoso, que se comprimem mutuamente desde as duas pedras de base. A obra surpreende pela forma como o arco se lança, parecendo desafiar as leis da gravidade; na sua execução, operada em época indeterminada, terá provavelmente sido empregue um amparo de madeira que servisse de suporte às pedras, e que posteriormente terá sido queimado por forma a permitir o seu encaixe.



FIGURA 17: "Pontão do Lobo", com régua de 0,50 m  
(Foto: Arquivo P. Primavera/Grupo Lobo)

Nos baldios das alturas da serra podem ainda achar-se vários exemplares de um outro elemento de arquitectura popular criado na intenção de propiciar protecção do gado e do pastor contra os rigores climáticos, bem como dos predadores nocturnos, de entre os quais o mais destacado é o lobo: trata-se dos abrigos de pastor, também localmente conhecidos por cabanas ou casotas. Trata-se de construções em pedra isoladas nos montes, assim se diferenciando das mais conhecidas casarotas das serranias da Peneda e Gerês, onde formam pequenos núcleos conhecidos por brandas, que os aldeãos ocupavam na época estival. Estes abrigos são, em Arga, realizados com pedras soltas de granito ou xisto, podendo assumir a forma de simples muros com função de quebra vento e resguardo de sol e chuva, ou então uma forma mais elaborada, em falsa cúpula e de planta rectangular, estando então o seu interior provido de um pequeno banco e de uma lareira. Um conjunto de três exemplares intactos de abrigos do tipo quebra-vento acha-se junto ao citado fojo do lobo do Cavalinho, todos de planta semicircular e de altura compreendida entre 1m e 1,25 m. Mais elaborado é o exemplar construído com recurso à técnica de falsa cúpula que se ergue a algumas centenas de metros do Pontão dos Lobos, numa área de baldio em que o pastor gozava de ampla visão sobre as áreas de pastoreio circundantes.



FIGURA 18: Abrigo pastoril próximo ao Fojo de Cerquido, na freguesia de Estorãos, concelho de Ponte de Lima (Foto: António Viana da Cunha)

### **COLEIRAS DE PREGOS**

Na região de Arga, como noutras montanhas do Norte, o fiel companheiro das vezeiras - os rebanhos comunitários pastoreados à vez pelos vizinhos - é o cão de gado. Não se desenvolveu aqui qualquer raça homologada, mas o valor de um bom guardião levou a que, nas zonas onde o impacto das alcateias se fazia sentir, os agricultores protegessem os seus cães com coleiras destinadas a evitar mordeduras na zona da traqueia, o que de resto constitui uma técnica preventiva largamente difundida na Eurásia. Não há certezas quanto à antiguidade de utilização deste tipo de coleiras no nosso país, mas estamos em crer que o seu uso seria generalizado na época medieval, visto a tradição dos trabalhos em ferro estar então amplamente estabelecida. Distinguem-se dois tipos de coleiras: as manufacturadas em couro com pregos e fivelas de ferro ou aço, e as realizadas integralmente em metal - geralmente em ferro, mas também em chapa zincada e latão. O emprego destas últimas no nosso país caiu em desuso, em virtude do seu peso e da propensão para albergarem colónias de parasitas.

Na Serra de Arga a utilização de coleiras é hoje rara, não só pela raridade do próprio predador, mas essencialmente porque a dimensão dos poucos rebanhos existentes, para mais acompanhados de pastor, terá desencorajado os ataques - os lobos parecem preferir predação os cavalos criados em regime de semi-liberdade na serra. As coleiras actualmente a uso são feitas de couro, e providas com pregos e fivela de aço ou ferro.

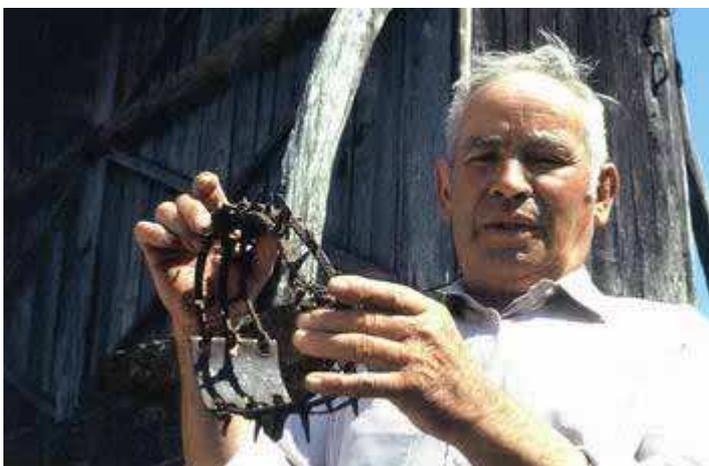


FIGURA 19: Coleira de pregos em ferro

(Foto: Pedro Primavera)

## **O LOBO NA TRADIÇÃO ORAL E NO IMAGINÁRIO POPULAR**

O fascínio, ódio e medo que o lobo incutiu às populações rurais ao longo de séculos traduz-se num rico e profundo estrato psicológico e empírico que utiliza este predador como protagonista. O lobo surge como depositário de um vasto conjunto de crenças, superstições, mitos e lendas, e nele foram e são projectadas certas características próprias da espécie humana. Esta complexa imagem construída em torno do lobo biológico, imbuída de referências simbólicas, religiosas e morais, mantém-se ainda hoje viva no imaginário popular, povoando histórias transmitidas de geração em geração. Tal como em outras zonas rurais da região luso-galaica, na Serra de Arga sobrevivem ainda na memória dos habitantes mais idosos os contos, lendas, provérbios e adágios onde o lobo é o protagonista, sendo muitas vezes representado como uma fera que persegue e ataca os pastores e os caminhantes perdidos no monte. Como terra de comunidades de montanha e alcateias, também não poderiam faltar as histórias de criaturas de aspecto ou suposto comportamento lupino, destacando-se na nossa tradição oral o peeiro dos lobos e o lobisomem.

Do peeiro – ou peeira, pois pode também tratar-se de uma figura feminina - diz-se ser fadado o sétimo filho consecutivo do mesmo sexo de um casal, que vai para o monte cuidar dos lobos; os contos confrontam-no sempre com um viajante perdido ou com o pegureiro, o guardador de rebanhos, o que nos remete para a alegoria de raiz cristã do Bom Pastor. O peeiro dos lobos representa a alma amaldiçoada, condenada a servir as criaturas conotadas com o Mal e com o Pecado, de que o lobo se tornou exemplo.

Do lobisomem da tradição luso-galega - muito afastado do mais recente werewolf retratado pela indústria cinematográfica norte-americana - diz-se poder assumir a figura de vários animais: um lobo, obviamente, mas também um burro, cão ou gato, assustando os camponeses com a sua voz inumana. Do mesmo modo que o peeiro, pode tratar-se de um indivíduo que de um casamento seja o sétimo filho consecutivo do mesmo sexo, acreditando-se que para lhe quebrar a fada é necessário que um dos seus irmãos o baptize, passando assim a contar como padrinho. Reveladora do profundo enraizamento da fé católica nos sucessos atribuídos a esta figura de provável origem pagã, é a crença de que os lobisomens não podem comer do lado direito do corpo das suas vítimas, pois esse é pertença de Deus.

Para além destas crenças, que hoje vão sendo contadas como curiosidades de tempos antigos e por isso vão caindo no esquecimento, assiste-se ao surgimento dos “modernos mitos” do lobo, que carecem de qualquer fundamento, e dos quais os mais recorrentes são a ideia generalizada entre as populações rurais de que os lobos actuais são «diferentes dos de antigamente», e que a sua presença nos montes resulta de soltas maciças e deliberadas por parte do Estado ou de grupos ecologistas.

## **VALORIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO CULTURAL ASSOCIADO AO LOBO**

O estudo e salvaguarda destas manifestações culturais é urgente e importante; urgente porque é a geração mais idosa de habitantes rurais a sua depositária. Importante, sem dúvida, quer do ponto de vista antropológico (uma vez que a sua preservação ajudará à construção da nossa matriz cultural, para usufruto das gerações vindouras), quer por nos facultar informação fundamental para compreender as atitudes das comunidades rurais face ao lobo, permitindo soluções para a atenuação dos conflitos motivados pela predação do gado doméstico. Este último propósito poderá ser conseguido através da sensibilização

das populações locais, veiculando informação cientificamente sustentada, e da realização de acções de educação ambiental. Paralelamente, o recurso a acções que visem melhorar o rendimento económico das populações rurais por via da valorização económica e turística da imagem biológica e cultural do lobo poderão resultar num aumento da tolerância face a este ameaçado carnívoro.

Com efeito, o lobo é ainda muitas vezes símbolo de conflitos socioeconómicos, o que fundamenta a crença generalizada no meio rural de que a presença do lobo só traz desvantagens. O Ecoturismo é uma forma inovadora de valorizar economicamente o lobo, pois além de educar e sensibilizar o público sobre a espécie promove benefícios para as comunidades rurais – por exemplo, através da criação de postos de emprego, ou pelo estímulo à comercialização de produtos regionais e do desenvolvimento hoteleiro. A Serra de Arga possui características únicas a nível nacional para a implementação de projectos de ecoturismo associados ao lobo. A beleza da paisagem e as características etnográficas bem preservadas tornam a região um local privilegiado a nível europeu para a observação do habitat e do legado cultural associado ao lobo. O aproveitamento turístico e económico desta realidade poderá beneficiar as populações locais, sensibilizando-as para a importância de lutar pela preservação do seu património natural e construído.

Em 2000, o Grupo Lobo em associação com o Clube Celtas do Minho (Associação com larga experiência em actividades de turismo de natureza na Serra de Arga) desenvolveu o projecto «O lobo na Serra de Arga - à descoberta do mito e da realidade», financiado pelo Instituto do Ambiente (na altura denominado IPAMB) que pretendia, numa primeira fase, o estudo e caracterização do património natural e etnográfico da Serra de Arga, em especial no que se relaciona com o lobo e, numa segunda fase, a realização de actividades de educação e divulgação ambiental junto de escolas, dando a conhecer a importância do património existente e definindo também a implementação de um trilho pedestre cujo tema seria o lobo e todos os aspectos que envolvem a sua ecologia, conservação e relação com as comunidades rurais. Infelizmente, o limitado apoio financeiro do projecto não permitiu a sua conclusão, tendo-se executado apenas a primeira fase. No entanto, perante a necessidade do desenvolvimento na Serra de Arga de acções desta índole, o Clube Celtas do Minho tem vindo a efectuar esforços no sentido de garantir financiamentos que permitam que os objectivos desse projecto se possam tornar realidade.

Esperemos, assim, que num futuro próximo se concretize um projecto pautado pela perspectiva antropológica, com vista a sensibilizar a população local e os visitantes para a necessidade de protecção dos valores culturais da Serra de Arga, nomeadamente aqueles que se referem à relação passada e presente das comunidades rurais com o lobo. Através da veiculação de informação relativa ao imaginário popular, património construído e tecnologias tradicionais, poder-se-á valorizar a região, contribuindo de forma efectiva para a salvaguarda da sua identidade etnocultural.

Como prioridade, as acções a desenvolver deverão ter como pano de fundo a criação de percursos pedonais e cicloturísticos, baseados na valorização de exemplos de arquitectura popular que atestam essa antiga relação das populações locais com o lobo. Como suporte dos percursos, deverão, por exemplo, ser desenvolvidos trabalhos de recuperação e/ou interpretação dos fojos (nomeadamente o Fojo do Cavalinho, em virtude do seu melhor estado de conservação e fácil acessibilidade), abrigos de pastor e da “ponte do lobo”, bem como se deverá promover a realização de uma exposição dedicada a esta temática. Paralelamente, deverão conduzir-se acções de informação junto das escolas e Juntas de Freguesia da zona serrana, bem como se deverão formar guias encarregues do acompanhamento dos visitantes ao longo dos percursos.

Um projecto com estas características contribuiria para que a própria população rural tomasse consciência da importância do turismo ambiental na revitalização da economia local e participasse activamente na salvaguarda dos valores existentes na Serra de Arga, valores esses que levaram à inclusão desta região como Sítio Rede Natura 2000.

## BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- Abreu, A. A. (1989). Robustez, demografia e cultura da população masculina da Montaria no primeiro terço do século XIX. Cadernos Vianenses, 12. Viana do Castelo.
- Álvares, F. (1998). Consequências da Auto-Estrada Braga-Valença na população lupina do extremo Noroeste de Portugal. GRUPO LOBO Boletim Informativo Ano XIII, Nº2: 1-2.
- Álvares, F., (1999). Andam a soltar lobos?!... GRUPO LOBO Boletim Informativo Ano XIV, Nº1: 1-3.
- Álvares, F. (2003). Monitorização do lobo (*Canis lupus*) na área de influência do Parque Nacional da Peneda Gerês: análise do decénio 1994-2003. Relatório Anual. ICN/PNPG. Lisboa. 35pp
- Álvares, F., (2004). O lobo no imaginário popular. pp: 135-145 in Nunes, M. (Coordenação). Serra da Aboboreira – a Terra, o Homem e os Lobos. Câmara Municipal de Amarante. Amarante. 148pp.
- Álvares, F. & F. Petrucci-Fonseca, (2002). O papel do Ecoturismo e da Educação Ambiental na conservação de espécies ameaçadas – O caso do lobo-ibérico no Parque Nacional da Peneda-Gerês. Actas do Congresso Nacional "Desenvolvimento sustentável em áreas de montanha". Caldas do Gerês.
- Álvares, F. & P. Primavera, (2004). The wolf in rural communities' culture in the north of Portugal. Wolfprint, 20 : pp. 10-12.
- Álvares, F., Alonso, P.; Sierra, P. & F. Petrucci-Fonseca, (2000a). Os fojos no noroeste ibérico. Sua inventariação, caracterização e conservação. Galemys, 12 (NE): 57-78.
- Álvares, F.; P. Primavera & F. Petrucci-Fonseca, (2000b). O lobo na Serra de Arga: À descoberta do mito e da realidade. Relatório Técnico. Grupo Lobo/IPAMB. 50pp.
- Alves, L. (1985). Caminha e o seu concelho: monografia. Caminha.
- Boitani, L. (2000). Action plan for the conservation of wolves in Europe (*Canis lupus*). Nature and environment, nº 113. Council of Europe Publishing. 86pp.
- Campelo, A., (2002). Lendas do Vale do Minho. Associação de Municípios do Vale do Minho. Valença do Minho. 224pp.
- Cerejeira, D. (2003). Memórias da Serra de `Árga. Jornal Digital Caminha 2000. Caminha.100pp.
- Coutinho, A. (1997). Mosaicos da Serra de Arga. Viana do Castelo. 270pp.
- Flower, E. (1971). Lobos em Portugal (1933-57). Direcção Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas. Lisboa. 62pp.
- Fernandez de Córdoba, P. F. (1962). Sobre el lobo, y su presencia en Galicia. Cuadernos de • Estudios Gallegos. Tomos XVIII - 54: 92-118.
- Grande del Brio, R., (1984). El lobo ibérico, biología y mitología. Serie Ciencias de la Naturaleza. Ed. Hermann Blume. Madrid. 344pp.
- ICN, 1997. Conservação do Lobo em Portugal. Programa LIFE. Relatório final. 230 pp.
- Pedroso, C. (1988). Contribuições para uma mitologia popular portuguesa e outros escritos etnográficos. Portugal de Perto – Biblioteca de Etnografia e Antropologia. Publicações Dom Quixote. Lisboa. 420pp.
- Primavera, P., (1998a). A cura para o mau ar do lobo. Boletim informativo do Grupo Lobo. Ano XIII, nº 3: 6.
- Primavera, P., (1998b). Atitudes Públicas para com o Lobo: contributo para o estudo dos fojos do lobo e de exemplos da cultura material e de expressividade artística em Portugal. Relatório Técnico. Grupo Lobo. DZA/FCUL. Lisboa. 65 pp.
- Primavera, P. (in press). O fojo do lobo. Seminário de investigação. ISCSP. Lisboa.
- Primavera, P. & F. Álvares (2004). Os Fojos dos lobos: Testemunhos da caça histórica ao lobo. Caça & Cães de Caça, 77: 38-42.
- Primavera, P., F. Álvares e F. Fonseca (2002). Recuperação e valorização dos fojos do lobo. Protocolo Parque Nacional da Peneda-Gerês/Grupo Lobo. Relatório técnico. Grupo Lobo. 31 pp.
- Risco, V., (1948). Contribución al estudio del lobo en la tradición popular gallega. Cuadernos de Estudios Gallegos, Vol III: 93-116.
- Roza de Ampudia, A. L., (1972). Del folklore asturiano: mitos, supersticiones y costumbres. Instituto de Estudios Asturianos. Oviedo. 277pp.
- Valverde, J. A & S. Teruelo, (2001). Los lobos de Morla. Segunda edición, revisada. Al Andalus Ediciones. Sevilla. 550pp.
- WWF (2000). Tourism & Carnivores: The challenge ahead. WWF-UK report. 24pp.

Texto extraído de:

<http://loboarga.naturalink.pt/Artigo Pedro & Francisco.htm>